

«AMEI-TE COM UM AMOR ETERNO: POR ISSO CONTINUO A SER-TE FIEL» (Jer 31,3)

Mensagem do Papa Francisco e Saudação de Davide Prosperì*

Introdução Padre Fabio

«Amei-te com um amor eterno: por isso continuo a ser-te fiel» (Jer 31,3). Estas são as palavras que Deus põe nos lábios do profeta Jeremias, enquanto o povo de Israel se encontra em grandes dificuldades, no exílio, longe da sua terra amada, sob o domínio de outros reinos, com a tentação de servir os ídolos. Deus, para o despertar, para mostrar a sua fidelidade ao seu povo, através da voz e do rosto de Jeremias, diz-lhe: «Eu amei-te, Eu continuo a amar-te com um amor eterno; desde sempre e para sempre, continuo a ser-te fiel». Através dos nossos pobres rostos e das nossas miseráveis vidas, gostaríamos que estas mesmas palavras e este mesmo Rosto, ou seja, o rosto de Deus, fossem aquele diante do qual nós estamos, nos ajudemos a estar nestes dias.

Como vos dizia antes o Matteo Severgnini (Seve), cada um de nós sabe muito bem como é que subiu para o autocarro esta manhã (ou ontem à noite!), o que traz no coração, que situação está a viver na família, que circunstâncias enfrenta na escola e com os amigos, que desejos agitam a sua alma! Tal como o povo de Israel renasceu e foi continuamente reedificado apoiando-se na fidelidade de Deus à sua Aliança,¹ assim, cada um de nós pode levantar-se, pôr-se de novo a caminho, reconhecendo como dirigidas a si pessoalmente as próprias palavras do título deste Tríduo. Um outro profeta, Isaías, dá-lhes ainda mais “força”. Pensem com que ternura Deus se dirige a cada um de nós: «Eu nunca te esqueceria. Eis que Eu gravei a tua imagem nas palmas das minhas mãos»,² «chamei-te pelo teu nome; tu és meu».³ Não é apenas o convite habitual para o Tríduo (já que somos dos Liceus!), mas é a iniciativa que Deus toma contigo, de Deus que te chama, te convida pronunciando o teu nome!⁴ «Porque Eu, o Senhor, sou »

* [Mensagem do Papa Francisco e a saudação de Davide Prosperì aos jovens dos Liceus, reunidos em Rimini de 28 al 30 de março para o Tríduo pascal.](#)

¹ «Dias virão em que firmarei uma nova aliança com a casa de Israel e a casa de Judá – oráculo do Senhor. Não será como a aliança que estabeleci com seus pais, quando os tomei pela mão para os fazer sair da terra do Egito, aliança que eles não cumpriram, embora Eu fosse o seu Deus – oráculo do Senhor. Esta será a Aliança que estabelecerei, depois desses dias, com a casa de Israel – oráculo do Senhor –: imprimirei a minha lei no seu íntimo e gravá-la-ei no seu coração. Serei o seu Deus e eles serão o meu povo» (Jer 31, 31-34).

² Is 49,15-16.

³ Is 43,1.

⁴ «Vós não estais aqui por acaso. O Senhor chamou-vos, não só nestes dias, mas desde o início dos vossos dias. Chamou-nos a todos desde o início da vida. Chamou-vos pelos vossos nomes. Como ouvimos na Palavra de Deus, Ele chamou-nos pelo próprio nome. Chamados pelo nome: tentai imaginar estas três palavras escritas em letras grandes e, em seguida, pensai que estão escritas dentro de vós, nos vossos corações, como que formando o título da vossa vida, o sentido daquilo que sois. Tu foste chamado pelo teu nome: tu... além, tu... ali, tu...aqui, e também eu, todos nós fomos chamados pelo próprio nome. Não fomos chamados automaticamente, fomos chamados pelo nome. Pensemos nisto: Jesus chamou-me pelo meu nome. São palavras escritas no coração; pensemos, pois, que estão escritas dentro de cada um de nós, nos nossos corações, e formam uma espécie de título para a tua vida, o sentido do que és, o sentido daquilo que cada um é. Foste chamado pelo teu nome. Nenhum de nós é cristão por acaso, todos fomos chamados pelo nosso nome. Ao princípio da teia da vida, ainda antes dos talentos que possuímos, antes das sombras, das feridas que trazemos dentro de nós, recebemos um chamamento. Fomos chamados, porquê? Porque amados. Fomos chamados, porque somos amados» (Francisco, *Discurso na Jornada Mundial da Juventude*, Lisboa, Portugal, 3 de agosto de 2023).

» o teu Deus; Eu, o Santo de Israel, sou o teu salvador. [...] Visto que és precioso aos meus olhos, que te estimo e te amo [...]. Não tenhas medo, que Eu estou contigo!»⁵ Não estamos aqui individualmente, somos Seus, somos filhos da Igreja, que é o corpo do qual Cristo é o chefe,⁶ esta é uma verdade profunda: estamos juntos, somos membros Seus⁷. O Movimento é a história que nos tomou através do carisma dado a *don* Gius.⁸ E é por isso que agora, enquanto membros do corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo, convocados pelo Espírito Santo, com atenção e delicadamente, sem fazer barulho, levantamo-nos, e rezamos cantando o *Descei Espírito Criador*.

Descei Espírito Criador

Então, o Seve já fez as saudações “oficiais”, agora permitam-me que dedique apenas alguns segundos a algumas saudações da minha parte também. Em primeiro lugar, umas calorosas boas-vindas aos que estão aqui pela primeira vez: não estou a pensar apenas nos alunos do secundário, do liceu, mas também naqueles que foram convidados a vir aqui pela primeira vez (talvez oitavo, nono ou décimo ano) e que aceitaram o convite de um amigo ou de um adulto. Sejam bem-vindos de todo o coração! Depois, outra saudação para aqueles que já cá estavam no ano passado, que “sobreviveram”! – podemos dizer assim? – e que escolheram, conscientemente, por tudo o que viram e viveram no Tríduo passado e durante o ano, voltar a Rimini! Depois, outra saudação é para quem está aqui talvez sem muita convicção, ou para quem talvez pertença a uma outra tradição religiosa: *don* Gius gostava de percorrer um troço de estrada com qualquer pessoa que encontrasse, precisamente por causa deste amor apaixonado pelo destino de cada um, por isso sejam também bem-vindos!

1. O desejo de uma vida unida

Então – como devem ter reparado! – arrancámos “em quinta”, pondo logo a nossa atenção no título do Tríduo, precisamente porque temos no coração o desejo de nos ajudarmos a estar diante deste rosto de Deus Pai (como ouvimos na canção): «Sê Tu o meu verdadeiro Padre, seja eu o Teu verdadeiro filho».⁹ E por isso, não podíamos esperar para vos dizer: estás aí, existes, porque foste criado e és amado por um Deus que é Pai e te fez filho através do batismo!¹⁰ Mas »

⁵ Is 43,3-5.

⁶ «A Igreja é o prolongamento de Cristo na história, no tempo e no espaço. E, sendo este prolongamento, está nela a modalidade com que Cristo continua a estar particularmente presente na história e, portanto, é ela o método com que o Espírito de Cristo mobiliza o mundo para a verdade, a justiça e a felicidade. Podemos resumir assim tudo o que foi dito até agora nesta breve introdução: a Igreja apresenta-se perante o mundo como realidade social carregada de divino, quer dizer, apresenta-se como realidade humana e realidade divina. Aqui reside todo o problema: um fenómeno humano que pretende trazer em si o divino» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Tenacitas, Coimbra 2016, p. 152).

⁷ «Mas a Igreja não é apenas um corpo edificado no Espírito: a Igreja é o corpo de Cristo! E não se trata simplesmente de um modo de dizer: mas somo-lo verdadeiramente! É o grande dom que recebemos no dia do nosso Batismo! Com efeito, no sacramento do Batismo Cristo faz-nos seus, recebendo-nos no âmago do mistério da cruz, o mistério supremo do seu amor por nós, para depois nos fazer ressurgir com Ele, como novas criaturas. Eis: assim nasce a Igreja, é assim que a Igreja se reconhece como corpo de Cristo! O Batismo constitui um renascimento autêntico, que nos regenera em Cristo, nos torna parte dele e nos une intimamente entre nós, como membros do mesmo corpo, cuja Cabeça é Ele (cfr *Rm* 12,5; *1Cor* 12,12-13). Então, daqui brota uma profunda comunhão de amor» (Francisco, *Audiência Geral*, 22 de outubro de 2014).

⁸ «Expresso a minha gratidão pessoal pelo bem que me fez, como sacerdote, meditar alguns livros do padre Giussani – como jovem presbítero – e faço-o também como Pastor universal, por tudo o que ele soube semear e irradiar em toda a parte, para o bem da Igreja. E como poderiam deixar de o recordar com gratidão comovida todos quantos foram seus amigos, filhos e discípulos? Graças à sua paternidade sacerdotal apaixonada na comunicação de Cristo, eles cresceram na fé como dom que confere sentido, amplitude humana e esperança à vida. O padre Giussani foi pai e mestre, foi servo de todas as inquietações e situações humanas que encontrava na sua paixão educativa e missionária. A Igreja reconhece a sua genialidade pedagógica e teológica, desenvolvida a partir de um carisma que lhe foi conferido pelo Espírito Santo, para a “utilidade comum”» (Francisco, *Audiência ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 15 de outubro de 2022).

⁹ «Be [...] Thou my great Father, I Thy true son» («Be Thou my vision», Hino irlandês, século VIII).

¹⁰ «O santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito («*vitae spiritualis ianua*»), e a porta que dá acesso aos outros sacramentos. Pelo Batismo somos libertos do pecado e regenerados

» então, porque é que estamos aqui? Cada um de vocês recebeu uma carta de convite pessoal e estamos aqui nestes três dias para nos ajudarmos a estar diante deste Rosto olhando para o qual podemos *cantar com um porquê*, que nos introduz à descoberta de encontrar e saber *Aquilo para que nós fomos feitos*.¹¹

Lendo os vossos contributos – agradeço-vos de todo o coração: foram muitos e, devo dizer, muito profundos – surgiu com força a necessidade de que a vossa vida, a nossa vida, não corra sobre duas linhas paralelas que não se encontram e que, infinitamente, nunca se encontrarão: por um lado, a linha dos Liceus, o *Raggio*, a Missa de domingo, as orações; por outro lado, a linha da *every-day-life*, ou seja, o estudo, o desporto, o tempo livre, a relação com a namorada, com o namorado, a escola, a família, a música... Exatamente como duas linhas paralelas que nunca se encontram!¹² Quando estou nos Liceus, “adequo-me” a certas lógicas ou dinâmicas, mas depois, quando estou na farra de sábado à noite, ou quando tenho de organizar a passagem de ano com os meus amigos, vencem outras, com outros critérios. Em muitos, porém, nasce o desejo de uma vida unida, não fragmentada. Ouçam o que diz uma de vocês: «No último período, sinto mais fortemente do que nunca a necessidade de viver a vida em pleno, caminhando em direção ao meu destino. Neste sentido, quero uma vida que não encerre a realidade em compartimentos estanques e quero captar a presença do que me parece ser um Amor maior». «Levem-nos a sério, ajudem-nos a olhar para tudo, mas mesmo para tudo, com olhos e coração abertos», escrevia outra rapariga! Por isso, sentimos a exigência de uma vida que não seja “esquizofrénica”, queremos começar a provar e a saborear uma fé que coincida com a vida, que redescobre na vida quotidiana toda a conveniência, a pertinência de Cristo e do cristianismo para a nossa existência!¹³ Na verdade, queremos descobrir como é que aquele Amor eterno e fiel me alcança na vida, como posso vivê-Lo na vida, tomando a minha carne e o meu sangue: «Em ambos os momentos [refere-se a alguns encontros dos Liceus] parecia-me que se estava a falar de nada! Ponham-se no meu lugar: como é que isto pode dar sentido ao meu acordar de amanhã, em termos concretos? Muitas vezes, aquilo de que falamos no *raggio* desmorona-se perante esta pergunta. Tenho uma necessidade visceral dela. O filosofar que muitas vezes caracteriza os *raggi* não é suficiente para mim». Outro contributo recebido coloca a questão sem rodeios: «Há alguma coisa pela qual valha realmente a pena viver?! Pela qual valha a pena levantarmo-nos de manhã?».

Na carta que vos escrevemos, quisemos colocar precisamente esta pro-vocação (“pro”, a »

como filhos de Deus: tornamo-nos membros de Cristo e somos incorporados na Igreja e tornados participantes na sua missão: «*Baptismus est sacramentum regenerationis per aquam in verbo* – O Batismo pode definir-se como o sacramento da regeneração pela água e pela Palavra» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1213).

¹¹ F. Ventorino, «A verdade é o destino para que fomos feitos», Meeting di Rimini, 20 de agosto de 2007, *clonline*.

¹² «Por sua vez, o professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que o crer seja um facto privado. A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este “estar com Ele” introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um acto da liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo que se acredita. No dia de Pentecostes, a Igreja manifesta, com toda a clareza, esta dimensão pública do crer e do anunciar sem temor a própria fé a toda a gente. É o dom do Espírito Santo que prepara para a missão e fortalece o nosso testemunho, tornando-o franco e corajoso» (Bento XVI, Carta apostólica sob a forma de “*Motu Proprio*” *Porta Fidei*, 11 de outubro de 2011, n. 10). «A novidade que Deus dá à nossa vida é definitiva; e não apenas no futuro, quando estivermos com Ele, mas já hoje: Deus está a fazer novas todas as coisas, o Espírito Santo transforma-os verdadeiramente e, através de nós, quer transformar também o mundo onde vivemos. [...] Como seria belo se cada um de vós pudesse, ao fim do dia, dizer: hoje na escola, em casa, no trabalho, guiado por Deus, realizei um gesto de amor por um colega meu, pelos meus pais, por um idoso! Como seria belo!» (Francisco, *Homilia*, 28 de abril de 2013).

¹³ «A linha educativa do Movimento tende a despertar um acontecimento de vida. Para que a vida desperte é necessário abolir todo o dualismo (por exemplo, entre a comunidade e a esfera privada onde se condensam os interesses individuais). O que destrói o dualismo é o juízo de que o amor a Cristo é a razão pela qual a vida vale a pena ser vivida. Se falta a fé como valor adequadamente unitário, surgem juízos de valor parciais e isso divide: consequentemente, o mistério da comunhão não é o fator a partir do qual tudo é abordado e, portanto, já não existe um ponto unitário de gênese das coisas. Se o dualismo é destruído, dá-se uma verdadeira presença cultural» («Comunidade cristã e cultura», por Laura Cioni, *CL Litterae Communionis*, n. 6/1977, p. 9).

» vosso favor, a favor da vossa vida, da vossa “vocação”): «Os gestos que marcam a vida dos Liceus – o Tríduo, a Jornada de Início de Ano, as férias de inverno e de verão, a Equipe – pretendem ser uma ajuda para uma seriedade de vida consigo mesmo e um relançamento para “viver intensamente a realidade [...] sem negar nem esquecer nada”, de modo a introduzirmos ao “significado da realidade”». Convidamos-vos a que estes gestos não sejam apenas parêntesis, pelo que «*é bonito!*», e depois seguem-se mais quatro meses de apneia, depois outra grande experiência, seguida de mais três meses de túnel... Pois bem, queremos, pelo contrário, recuperar nestes dias uma unidade de vida, uma seriedade de vida, não no sentido de sermos sérios, ou pesados, mas no sentido de *não querer censurar nada* do que acontece precisamente para conquistar a ligação entre o particular que se vive e o Todo:¹⁴ há guerra entre a Rússia e a Ucrânia, como é que isso me questiona? Como é que isso questiona a minha fé? Há guerra entre Israel e a Palestina. Como é que isso questiona a minha vida? Em França, o direito de interromper a vida humana inocente de um nascituro foi sancionado constitucionalmente, como é que isso me questiona? Há adultos com quem eu possa confrontar estas questões? Na minha escola há uma ocupação, o que é que isso me causa? Na minha escola, um rapaz suicidou-se, como escreveu uma de vocês: «Há pouco tempo, um amigo meu tirou a sua própria vida. Perante um mal tão grande, não conseguia capacitar-me do facto de que “ele tirou a sua própria vida” e não que “lhe foi tirada”. No entanto, diz-se que “o maior dom que nos foi dado é a vida”, mas como é que isso pode ser verdade? Eu continuava zangada, porque alguma coisa ou alguém tinha levado o meu amigo a dizer que “já não havia aqui nada para ele”. Esta dor de ver o meu amigo tirar a vida fez-me pensar: “O que é que me permite continuar em frente na vida?” Não basta ter uma namorada, ou ter uma boa turma como o meu amigo tinha, então o que é que nos permite seguir em frente e não cair na vida? O que é que nos faz ficar vivos? O que é que nos mantém vivos?». Como é que isto me provoca, o que é que a fé tem a dizer a mim e aos meus amigos, ou à forma como estamos juntos e usamos o tempo? *Don Gius* é nosso pai, assegurando-nos: «Quero simplesmente dizer que a fé, ao corresponder à nossa vida de todos os dias, e tendo o poder de mudar – de influenciar e de mudar – a vida de todos os dias, a fé é útil, em todos os sentidos. Diz São Paulo: *pietas*, a piedade, o sentido de Deus, é um ótimo fator para resolver todas as coisas, pela promessa tanto para o futuro como para o presente»,¹⁵ fazendo eco da frase de Jesus «quem Me segue terá o cêntuplo já aqui»,¹⁶ ou seja, eu posso gozar a vida cem vezes mais, posso amar os meus colegas cem vezes mais, posso amar a minha mulher cem vezes mais, posso amar o meu marido cem vezes mais, posso amar os meus dias cem vezes mais, os meus pais cem vezes mais, amar o presente, não fugir dele! Se a fé não fosse útil para a vida, então o que é que estaríamos aqui a fazer?! O que vamos viver, dizer e ouvir nestes dias não é, portanto, uma pincelada, um verniz de religião na parede das nossas vidas, um borrifo de duas gotas de perfume religioso no nosso corpo, mas é ajudar-nos a descobrir a pertinência de Cristo às necessidades e às evidências do nosso coração e da nossa razão.¹⁷ »

¹⁴ «A verificação parte precisamente do facto de que a fé nos faz interessar por tudo, até, como diz o documento, nos torna presentes também nas eleições. Nós participamos nas eleições universitárias, estaremos presentes, por causa de um facto de vida nova que nos faz interessar por tudo, onde quer que estejamos; um facto de vida nova que, se por um lado nos identifica, por outro nos pede para sermos, para reagirmos às coisas. A nossa verdadeira dificuldade não é o facto de não nos interessarmos pelas eleições, é o facto de a nossa humanidade não ser tomada pela fé, é o facto de não termos fé, de a fé estar ainda ao nível dos três anos, dos cinco anos, dos dez anos, dos vinte anos ou dos cinquenta anos de todos os cristãos que nos rodeiam, apesar do encontro que tivemos. Eis o ponto» (L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza. 1975-1978*, Bur, Milão 2006, pp. 154-155).

¹⁵ L. Giussani, *O eu, o poder, as obras*, Lucerna, Cascais 2019, pp. 146.

¹⁶ Cfr. Mt 19,29.

¹⁷ «Aos meus alunos na escola e na universidade, mas também a todos aqueles que pude encontrar ao longo dos anos, sempre lhes pedi que comparassem o que ouviam, os juízos que liam, e mesmo as ideias que lhes transmitia, com a sua própria experiência elementar, com as necessidades e as evidências constitutivas da sua própria humanidade. Nunca lhes pedi que aceitassem as minhas palavras como verdadeiras, mas que aprendessem

» 2. Ir às raízes das nossas perguntas

Para descobrir a conveniência e a pertinência da fé no Pai, revelada no Filho, através do Espírito Santo, é preciso ir até ao fundo, até à raiz mais profunda da questão, como me foi expressamente pedido num contributo: «Perceber a raiz da pergunta, da pergunta fundamental, é um passo decisivo. Aquelas perguntas de que fala Giussani: aquilo é a raiz de tudo. Uma simples pergunta na aula tornou-se a ocasião para uma pergunta, em geral, sobre quem sou e o que quero realmente. Podem ajudar-me a fazer este caminho?».

Por isso, para aprofundarmos esta descoberta, parece-me útil lermos juntos um texto que me tinha ficado atravessado quando o li no Seminário, durante o curso de Antropologia Teológica e Escatologia: «Desde há alguns dias que só consigo ficar sentado na cama durante meia hora e, durante o resto do dia, fico imobilizado. O meu coração já não quer bater. Hoje de manhã cedo, o Professor [o médico que veio fazer a visita de rotina] disse qualquer coisa que soou a “estar pronto”. Para quê? Claro que é difícil morrer jovem! Tenho de estar preparado para o facto de que no início da semana estarei morto; e não estou preparado. As dores são quase insuportáveis, mas o que me parece realmente insuportável é o facto de não estar preparado. O pior é que quando olho para o céu, está escuro. Torna-se noite, mas não há nenhuma estrela que brilhe por cima de mim e na qual eu possa mergulhar o olhar. Mãe, nunca pensei em Deus, mas agora sinto [apercebo-me!] de que existe ainda alguma coisa [Alguém!] que não conhecemos, uma coisa misteriosa, um poder em cujas mãos caímos, ao qual temos de dar respostas. E a minha tristeza é que não sei quem é. Se ao menos o conhecesse [guardem bem este “se ao menos eu o conhecesse”, porque amanhã vai aparecer nas canções, na lição!] Mãe, lembras-te de como tu ias connosco pelo, quando nós éramos pequenos, na escuridão que caía, para ir ao encontro do pai que voltava do trabalho? Às vezes corríamos à tua frente e de repente víamo-nos sozinhos. Eram passos que avançavam na escuridão: que medo de passos desconhecidos!» – Imaginem, imaginemos a cena: a mãe já ficou muito para trás, não nos pode “proteger”, estamos fora da sua esfera de “segurança”, o pai ainda não chegou e por isso o medo aumenta... estás no meio da floresta, no escuro, e perguntas-te: mas o que é que se aproxima? Será uma fera? Será um homem perigoso? O que será!? – «Que alegria quando reconhecíamos que aquele passo era o do pai que nos amava. E agora, na solidão [aqui na minha cama!], continuo a ouvir passos que não conheço. Porque é que não os conheço? Disseste-me como me devo vestir e como me devo comportar na vida, como comer, como ser autónomo. Tomaste conta de mim e não te cansaste com toda esta preocupação. Lembro-me que tu, na noite de Natal, ias à missa connosco, as crianças. Lembro-me também da oração da noite às vezes me sugerias. Orientavas-nos sempre para a honestidade [“Porta-te bem!”]. Mas tudo isto agora se derrete para mim como neve ao sol. Porque é que nos falaste de tantas coisas e não nos disseste nada sobre Jesus Cristo? Porque não me deste a conhecer o som dos seus passos, para que eu pudesse saber se é ele [como o »

este método, porque só assim a inteligência atua na sua essência. Na minha ação educativa, procurei sempre respeitar este método, que considero essencial para quem pretende, ao educar, ser verdadeiro e honesto consigo próprio e com aqueles a quem se dirige. Só assim, de facto, a relação educativa se torna uma fonte de liberdade e de possibilidade de conhecimento verdadeiro e de autêntica “consciência crítica”. Então, o conteúdo de uma educação só pode ser comunicado mostrando a sua pertinência e correspondência às exigências da vida. É por esta razão que aqueles que educam são como que “obrigados” a permanecer sempre jovens, isto é, a estar sempre abertos à realidade e a ouvir sempre palavras novas que talvez já digam há muitos anos. Este método e este objetivo da educação empenharam-me em mostrar como a fé cristã é pertinente para as exigências da vida e, portanto, como esta é uma exaltação da racionalidade. Senti isto como verdadeiro e importante nos primeiros anos da minha vida de educador, quando no “raggio”, o encontro que tínhamos na escola para refletir sobre a nossa própria experiência humana, vinham pessoas de todos os tipos, desde ateus a judeus e protestantes. Tratava-se de levar a sério a própria humanidade, de ir ao fundo da realidade original que está em cada um de nós, em confronto com uma proposta que poderia dar um sentido mais razoável às experiências vividas e às necessidades sentidas» (L. Giussani, «Seriamente impegnati con la propria vita», por Holly Peterson, *Tracce*, n. 10/2005, pp. 30-31).

» pai] que vem ao meu encontro nesta última noite e na solidão da morte?»,¹⁸ ou seja, de tal maneira que saibamos se o que nos espera é um Pai?!

Pois bem, creio que há pouco a acrescentar... isto é o que está presente no mais profundo do nosso coração,¹⁹ talvez enterrado sob horas intermináveis de redes sociais e séries de televisão, ou talvez esquecido indo atrás de qualquer transgressão, que na realidade já nem o é assim tanto, de tão difundida que está. «Estou sempre aborrecido, a preguiça está a destruir-me, já não tenho paixões. Tudo o que eu gostava de fazer agora parece-me aborrecido. Antes, por mais que tivesse dificuldade, tinha interesse em arranjar uma namorada, ir bem na escola, desenhar, fazer coisas que me tornavam feliz; agora, procuro apenas o sexo, o álcool e a marijuana, estar drogado. O não pensar faz-me sentir melhor. A minha vida nestes meses consiste em dormir o mais possível e fazer festas, beber e fumar. À minha volta, vejo pessoas que estão sempre melhor, são mais felizes e vejo-as cada vez mais distantes de mim, há outras que, pelo contrário, estão a morrer por dentro e eu não sei em quem confiar [“se ao menos o conhecesse”] a quem pedir ajuda, porque todos me parecem tão distantes e incapazes de me ajudar ou de me perceber. Reconheço as coisas bonitas que os adultos e os meus amigos me dizem, e compreendo-as e estou convencido de que podem ajudar-me, mas não consigo fazê-lo: quando tenho diante de mim uma escolha entre estar drogado e o ficar sóbrio, escolho sempre estar drogado e não é que o faça com amargura, estou mesmo contente. Portanto, não sei como me mover porque isto não me basta». Mas que contentamento é esse que, para ser feliz, tem de se esquecer da realidade, não pensar, tem de fugir, escapar da realidade e afogar-se no exílio da inconsciência!? Será isto o máximo a que podemos aspirar nos próximos oitenta anos!? Existe, portanto, como que uma força gravitacional que nos arrasta para baixo – que não é apenas a da lei da gravitação universal – que nos puxa para baixo: «Eu queria fazer o bem; vejo-me a fazer o mal» dizia São Paulo de si mesmo.²⁰ Isto é aquilo a que se chama pecado: «*Aversio a Deo et conversio ad creaturas*».²¹ Então, se esta é a raiz profunda da questão, se aquela pode ser a forma de nos podermos resignar a “viver”, talvez seja mais razoável o convite que Virgílio dirige a Dante: «“Pois te convém fazer outra viagem”, me respondeu quando chorar me viu, “se fugir queres de tal lugar selvagem”».²² Se este caminho me conduz ao nada do tédio, se este caminho me conduz às lágrimas, se quero fugir deste lugar selvagem, convém-me fazer outra viagem! E qual é essa outra viagem? É aquela para a qual o nosso coração não foi deixado sozinho e órfão, na sua potência e, simultaneamente, insuficiência! É preciso que alguém o apoie, a este coração! É necessário que alguém bata à sua porta, o ame e o leve pela mão, a este coração, dentro em pouco irão perceber porquê!

¹⁸ F. Scanziani – C. Pirrone, *I figli ci parlano di Dio. Una psicologa e un prete in dialogo con la famiglia*, Ancora, Milão (2008) 2014, pp. 161-162.

¹⁹ «A tais questões, não pode esquivar-se ninguém – nem o filósofo, nem o homem comum. E, da resposta que se lhes der, deriva uma orientação decisiva da investigação: a possibilidade, ou não, de alcançar uma verdade universal. Por si mesma qualquer verdade, mesmo parcial, se realmente é verdade, apresenta-se como universal e absoluta. Aquilo que é verdadeiro deve ser verdadeiro sempre e para todos. Contudo, para além desta universalidade, o homem procura um absoluto que seja capaz de dar resposta e sentido a toda a sua pesquisa: algo de definitivo, que sirva de fundamento a tudo o mais. Por outras palavras, procura uma explicação definitiva, um valor supremo, para além do qual não existam, nem possam existir, ulteriores perguntas ou apelos. As hipóteses podem seduzir, mas não saciam. Para todos, chega o momento em que, admitam-no ou não, há necessidade de ancorar a existência a uma verdade reconhecida como definitiva, que forneça uma certeza livre de qualquer dúvida» (João Paulo II, Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão *Fides et Ratio*, 27, 18 de setembro de 1998).

²⁰ Cfr. Rm 7,18-25.

²¹ Santo Agostinho, *De civitate Dei*, 12, 6. «O pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a reta consciência. É uma falha contra o verdadeiro amor para com Deus e para com o próximo, por causa de um apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Foi definido como “uma palavra, um ato ou um desejo contrários à Lei eterna» (*Catecismo da Igreja Católica*, 1849).

²² Dante, *Divina Comédia, Inferno*, Canto I, vv. 91-93.

» 3. Cristo Deus tornou-se encontrável

Vamos ouvir como começa e como continua “a outra viagem”, o que aconteceu a esta rapariga que, na primeira vez que foi a um encontro dos Liceus, se viu diante do... Seve! A partir desse dia, em maio passado, começa todo o seu percurso, que a leva a desejar vir ao Tríduo: «“Mãe, posso ir?”», resposta: “Não!”». A sua carta continua contando o que lhe aconteceu: «Escrevo-te porque tinha um grande desejo de ir ao Tríduo Pascal, mas os meus pais, infelizmente, não me quiseram deixar-me ir. Mas quando chegou a vossa carta-convite, depois de ter lido aquelas palavras, que continham uma verdade imensa, decidi que não podia passar despercebida, quis que a minha mãe a lesse, porque se eu, agora, sou capaz de a amar desta forma mais pura, desta forma mais verdadeira para mim, é porque me deparei com uma verdade que não pude deixar de perseguir. Porque uma pessoa, se não for estúpida, quando vê uma coisa bonita, não pode deixar de a perseguir! Foi o que eu fiz. Não pretendia que ela mudasse de ideias quanto a deixar-me ir ao Tríduo, queria apenas que ela percebesse, pelo menos, porque é que eu faço tanta questão de ir aos Liceus. [...] Seve, infelizmente eu não estarei em Rimini, porque os meus pais não mudaram de ideias, mas o que fiz voltaria a fazer mil vezes! E sabes qual foi a melhor coisa para mim? [Lembrem-se do título do Tríduo: «Amei-te com um amor eterno»]. Sabem qual foi a coisa mais importante para mim? Há um ano redescobri o amor de Cristo por mim, agora estou a descobrir o meu amor por Cristo. Como tu disseste naquele dia de maio: “O coração é feito para que lhe batam à porta, para ser, amado”. Penso que reabrir a porta do meu coração a Ele foi uma das escolhas mais bonitas que já fiz. Tenho a certeza de que, nos dias em que ficar em casa, também haverá algo de grande aqui». É isto que nos arranca dos pântanos, das areias movediças do tédio e do sem-sentido, é isto que nos arranca das areias movediças da vida e a faz florescer: aderir a uma proposta, de vida, a um facto acontecido, verificando-o.²³ Imaginemos que estamos a afundar-nos em areias movediças: se tento sair das areias movediças tentando levantar-me com a minha própria mão e o meu próprio braço agarrando-me pelos cabelos, apenas com o impulso do meu desejo, do meu coração, e continuo a agitar-me, para onde vou? Afundo-me! Só se agarrar a mão de Outro que me arrasta para fora é que sou salvo, então este coração é apanhado, agarrado e sustentado! Cristo e a Igreja, e para nós, aqui reunidos, a história que chegou até nós, são a âncora da salvação!²⁴ «Amei-te com um amor eterno», «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos»,²⁵ dentro em pouco veremos como este amor se concretiza na história.²⁶ na »

²³ «O cristianismo é isto: é um facto! Um facto. Tal como se eu lhe der um murro e lhe partir os óculos, é um facto que lhe parti os óculos, assim aconteceu isto: um homem que disse ser Deus, ou Deus que se fez homem, por isso este homem diz: “Eu sou Deus”. A categoria essencial de uma resposta à pergunta: “O que é o cristianismo?” é a de um facto: um facto como Moscovo existir, ou um facto como ele ser padre: foi ordenado, é um facto. [...] Enfim, o que é o cristianismo? É um homem que disse ser Deus, ou seja, é um homem que disse: “Eu sou a salvação da tua vida. Eu sou o sentido da tua vida”.» (L. Giussani, *Dall’utopia alla presenza. 1975-1978*, op. cit., pp. 305-306).

²⁴ «A funcionalidade da Igreja no cenário do mundo está já implícita na sua consciência de ser o prolongamento de Cristo: é, pois, a própria funcionalidade de Jesus. A função de Jesus na história é educar o homem e a humanidade para o sentido religioso (precisamente para poder “salvar” o homem!), onde, por religiosidade ou sentido religioso, se entende a posição exata da consciência e da tentativa de uma atitude prática do homem face ao seu destino. O problema da libertação que Jesus, o Salvador, veio trazer, situa-se no horizonte desta fórmula. A salvação é gerada a partir de uma posição verdadeira do homem perante si mesmo e o seu destino. E a palavra definitiva sobre a estrutura do homem singular – do nosso “eu” – e sobre a história do homem não pode ser ditada nem por uma introspeção apaixonada, nem por uma análise científica, nem pelas várias ideologias criadas por cada época como projeção dos seus esforços e das suas limitações, porque todas as ideologias são bloqueadas na história pelas condições em que nascem, são irreversivelmente delimitadas pelo ponto de vista que, justamente, lhes dá vida. A última palavra sobre o destino do homem e da história brota, na própria história, de Deus: o Verbo comunicou-se ao homem fazendo-se carne» (L. Giussani, *Porquê a Igreja*, op. cit., pp. 187-188).

²⁵ Mt 11,28.

²⁶ «Digo-o a cada um de vós em particular: Cristo vive e ama-te infinitamente. E o seu amor por ti não está condicionado pelas tuas quedas ou pelos teus erros. Ele, que deu a sua vida por ti, não espera pela tua perfeição

» celebração da Santa Missa, em que Cristo está realmente presente na Eucaristia. Tronou-se presente através de Jesus que lava os pés aos seus discípulos, através de Deus que se ajoelha diante do homem com esta ternura. Contemplá-lo-emos amanhã à tarde na *Via Sacra*, quando Ele se deixar trespassar no seu lado, nos seus pulsos e nos seus pés. Realiza-se num amor que se faz carne e sangue nesta companhia de amigos que têm à vossa volta!

4. A adesão da liberdade

Mas entre o meu coração que deseja e a companhia de Cristo que estende a mão, é necessário mais um passo: é preciso a energia da nossa adesão, da nossa liberdade para tomar a decisão de nos envolvermos, de nos agarrarmos e de nos aventurarmos!²⁷ Há uma frase de Santo Ambrósio que me pôs de joelhos quando a li pela primeira vez, no Seminário: «Ninguém te arranca de Cristo, se tu não te arrancares d'Ele». *Don Gius*, a este respeito, escreveu um livrinho que se intitula *Decisão para a existência*: «A existência representa, antes de tudo, uma decisão acerca daquilo que se reconhece como o próprio fundamento [...]. Trata-se de encontrar o *unum necessarium*, a única coisa necessária, quer dizer, aquilo que nós reconhecemos como significado de nós mesmos e, portanto, como fundamento de tudo o que fazemos. [...] Para verificar de verdade é preciso empenhar toda a própria pessoa com atenção clara e aberta [...]: o problema é a postura com a qual se participa [...]. Essa postura justa diante das coisas [...] é expressa com a palavra moralidade [...] e coincide com uma disponibilidade verdadeira àquilo que nos é proposto, ao real chamamento [...]. É preciso lançar-se dentro com energia e sacrifício [...]. É necessário empenhar a nossa própria liberdade para nos darmos conta do nexo que há entre a realidade cristã e a nossa humanidade [...]. Só existe um modo de bloqueá-la, de não deixá-la realizar-se plenamente: a vil distração em que vivemos [...] ou a rebeldia maldosa que nos permitimos».²⁸ Mas – retomando ainda *don Gius* –, antes de passarmos à conclusão, devemos perguntar-nos: por que razão aderir, agarrar, decidir embarcar na outra viagem, começar ou continuar a verificar? Por amor a si mesmo: «O homem [...] só se move por amor, por afeto. O amor que nos pode persuadir a este trabalho para chegarmos a uma capacidade habitual de desprendimento das nossas opiniões e imaginações [...], a ponto de utilizar toda a nossa energia cognitiva na busca da verdade acerca do objeto, qualquer que ele seja, é o *amor a nós mesmos como destino*, é a afeição ao nosso *destino*. É esta comoção última, é esta emoção suprema que persuade à verdadeira virtude».²⁹ Vejam, estamos aqui para O reconhecer presente e para nos relacionarmos com Ele, que está entre nós, e temos de empenhar a nossa liberdade para nos apercebermos da ligação entre Cristo e a nossa humanidade.

Rainer Maria Rilke chega a Capri a 4 de dezembro de 1906, exausto e em crise, depois de ter ultrapassado os trinta anos, e na casa onde é acolhido pendura, na porta do seu quarto, este cartaz: «Aqui está um homem ainda vivo e cujo coração já está morto. Por favor, não incomodar». O coração por si só não basta, mas a sua pergunta exige e implica a existência »

para te amar. Olha os seus braços abertos na cruz e “deixa-te salvar de novo”, caminha com Ele como com um amigo, acolhe-O na tua vida e deixa-O partilhar as alegrias e as esperanças, os sofrimentos e as angústias da juventude. Verás que o teu caminho se iluminará e até os fardos maiores se hão de tornar menos pesados, porque estará Ele a carregá-los contigo. Por isso, invoca diariamente o Espírito Santo, que “te faz entrar cada vez mais no coração de Cristo, para que te enchas sempre mais com o seu amor, a sua luz e a sua força”» (Francisco, *Mensagem aos jovens no V aniversário da Exortação Apostólica Christus Vivit*, 25 de março de 2024).

²⁷ «Liberdade e graça. A graça de Cristo não faz concorrência de modo nenhum à nossa liberdade, quando esta corresponde ao sentido da verdade e do bem que Deus colocou no coração do homem. Pelo contrário, e como o certifica a experiência cristã sobretudo na oração, quanto mais dóceis formos aos impulsos da graça, tanto mais crescem a nossa liberdade interior e a nossa segurança nas provações, como também perante as pressões e contrangimentos do mundo exterior. Pela ação da graça, o Espírito Santo educa-nos para a liberdade espiritual, para fazer de nós colaboradores livres da sua obra na Igreja e no mundo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1742).

²⁸ Agora em L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, pp. 113, 133-134, 135, 146.

²⁹ L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 59.

» de uma resposta ao seu alcance!³⁰ O poeta, estando ali, apreciando a beleza da criação e do Criador, do estar com amigos, partilhando uma hipótese diferente de vida, aos poucos, percebe, recompõe-se e dirige uma carta à sua querida amiga, escrevendo-lhe: «É preciso relê-lo, Anita, a este coração tão grande, tão difícil de usar».³¹

«É preciso relê-lo». É interessante que a palavra “corrigir-nos” tenha precisamente esta etimologia: manter-nos juntos, co-manter-nos. Nestes três dias, vamos segurar-nos uns aos outros... e para toda a vida! Terminemos, pois, esta introdução com duas indicações: a primeira é pedir humildade de coração, para não estarmos aqui com uma atitude no fundo esquemática ou presunçosa, mais preocupados com uma expectativa entendida de uma certa maneira do que com a surpresa do que vai acontecer. Ao ir à prisão para um serviço pastoral, fiquei impressionado com alguns reclusos que estavam ali fechados há mais de quarenta anos! Fiquei impressionado porque a posição da sua liberdade permaneceu a mesma, imóvel e inalterada durante todo este tempo, não deixaram que nada os afetasse, continuam imobilizados e fechados... aqui, em vez disso, pedimos, imploramos para ter essa humildade de ter um coração aberto, olhos bem abertos e curiosos para ver o que está a acontecer, um olhar apaixonado, aqui pedimos um coração humilde no amor, como o desta rapariga, que escreve: «Eu estou apaixonada por aquele amor com A maiúsculo e não deixarei fugir tudo o que está intrinsecamente ligado a essa promessa amorosa». Quando uma pessoa está apaixonada, cada pormenor adquire a sua própria relevância³²

5. O valor do silêncio

E depois – como penso que percebem (alguns de vós disseram-me, no ano passado, que tinham dificuldades com isto), devemos também propor-nos o valor da finalidade de um sacrifício que nos faz crescer – a segunda indicação é a do silêncio: normalmente fugimos do silêncio, porque no silêncio nos confrontamos connosco próprios e com o bom Deus, ressurgem recordações, perguntas, talvez mesmo aquilo que não gostaríamos de admitir a nós próprios. Por isso, geralmente encharcamos a nossa vida de barulho. Nestes dias, precisamente porque não queremos censurar nada, propomos um verdadeiro silêncio, no qual a presença de Deus possa encontrar cada um de nós como interlocutor: *cor ad cor loquitur*, deixemos que o nosso coração fale ao coração de Deus e, ao mesmo tempo, descobrimos o surpreendente desejo de Deus de falar ao nosso coração. «O primeiro indício de que alguma coisa de novo aconteceu em nós e, portanto, cresce (dado que a chuva mandada por Deus não cai sobre a terra sem dar fruto), é o amor ao silêncio. O silêncio é a procura da vida, é a busca de significado, por isso, da plenitude do viver. [...] A primeira necessidade do nosso caminhar é o silêncio, porque só com esta condição podemos procurar o Verbo da vida, porque “tudo foi feito por meio d’Ele, e de tudo o que existe, nada foi feito sem Ele”».³³ Nas várias deslocações de autocarro, na entrada e na saída do salão, na *Via Sacra* amemos (amemos!) o silêncio. Por isso, desliguemos os *smartphones*, não precisamos deles agora (espero que os mantenham desligados também quando estão no *raggio* do Liceus ou durante os serões de cantos!), estamos aqui com os nossos amigos, estamos a viver um gesto que nos envolve totalmente, seria uma pena distrairmo-nos! Esta é, vejam bem, uma indicação muito humana e razoável, ou seja, se uma pessoa está a falar e a outra está distraída com o telemóvel, é óbvio que não está “sintonizada” com o que está a ser dito, é simplesmente um passo de educação sobre isto. «Faz, Senhor, com que a minha »

³⁰ Cfr. L. Giussani, *O sentido religioso*, capítulo V.

³¹ R.M. Rilke in S. Guidi, «Bisogna pur reggerlo questo cuore», *L'Osservatore Romano*, 5 de março de 2024, p. 4.

³² «Na experiência de um grande amor, o mundo inteiro reúne-se na relação Eu-Tu, e tudo o que acontece torna-se um acontecimento no seu âmbito. O elemento pessoal a que, em última análise, o amor se refere, e que representa o que há de mais elevado entre as realidades que o mundo abarca, penetra e determina todas as outras formas: espaço e paisagem, pedras, árvores, animais... Tudo isto é verdade, mas só ressoa entre este Eu e este Tu» (R. Guardini, *L'essenza del cristianesimo*, Morcelliana, Brescia 1962, p. 12).

³³ L. Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto*, Paulus, Lisboa 2002, p. 95.

» relação contigo possa ser também a semente para o renascimento das relações com os meus amigos», pode emergir do silêncio, como me foi escrito num contributo. «Percebi a importância do silêncio na minha vida frenética e atarefada: no silêncio, reencontro-me num diálogo com Outro», escreviam-me. Uma canção de Mina diz: «Há coisas num silêncio / que eu nunca esperaria [...] Sinto-te no meu coração / Estás a recuperar o lugar que / Nunca perdeste».³⁴ O silêncio permite que nos deixemos provocar pelo Acontecimento que está a acontecer, como quando na montanha somos atingidos pela grandeza das montanhas e pela imensidão do céu acima de nós, ou no mar pelo seu infinito, e ficamos em silêncio perante um facto que nos enche de espanto, assim como as palavras que ouvimos e que começam a agitar-se na nossa cabeça, no nosso coração.

Partimos do Seu amor fiel e eterno e concluímos da mesma forma: existimos porque fomos amados, fomos criados, fomos desejados. Por isso existimos, através do amor sensível dos nossos pais, Outro nos chamou à existência e uma companhia sustenta-nos! «Sou amada porque existo, porque há alguém que me quis e, se me esquecer disso, sei que tenho um lugar que me recorda constantemente: este». Esta é a coisa mais preciosa que alguém pode ter. Que espetáculo que enche o coração de gratidão poder virar-se agora, olhar à roda (de onde estou sentado é mais fácil), e poder perceber que temos rostos ao nosso lado que nos recordam constantemente isto: somos desejados, amados, constantemente, agora!

Agora celebramos a Santa Missa e recordamos as duas raparigas, amigas de tantos entre nós, que estavam aqui fisicamente no ano passado e que agora estão presentes através do mistério da comunhão dos Santos: alcançaram já o destino para o qual fomos feitos.

³⁴ Mina, «La voce del silenzio», letra de P. Limiti, Mogol e música de E. Isola, Cover do álbum *Canzonissima '68*, © PDU.